

José Milhazes e Siiri Milhazes

MADEIRA O VINHO DOS CZARES



“Servido à mesa
de czares e nobres russos,
cantado por poetas
e escritores, o consumo
do verdadeiro vinho da
ilha portuguesa era sinal
de um alto estatuto
na sociedade russa.”

À memória do Dr. João Paulo Vieira, impulsionador deste projecto.

«O mordomo, com um ar enigmático, mostrava por cima do ombro do comensal vinho, anunciando: “Madeira seco”, ou “húngaro”, ou “Rheinwein”.»

Lev Tolstói, *Guerra e Paz* ⁽¹⁾

O VERDADEIRO MADEIRA CUSTOU A CHEGAR



O vinho Madeira era, sem dúvida, uma das bebidas alcoólicas generosas mais conhecidas na Rússia Imperial. Servido à mesa de czares e nobres russos, cantado por poetas e escritores, o consumo do verdadeiro vinho da ilha portuguesa era sinal de um alto estatuto na sociedade russa.

Não se pode afirmar ao certo em que ano, ou até mesmo século, o vinho da Madeira chegou à longínqua Rússia, mas os documentos conhecidos levam-nos a

avançar que, já no fim do séc. XVII, esse néctar era consumido no seio da mais alta sociedade russa. Este era transportado por navios ingleses, holandeses e alemães e adquirira uma fama tão grande entre os apreciadores dessa bebida que levou muitos comerciantes estrangeiros a falsificá-lo, por exemplo, dissolvendo-o com água, ainda antes de chegar à Rússia.



Pedro o Grande

Pedro o Grande (1672-1725) — Czar e primeiro Imperador da Rússia — entrou na história como o monarca que decidiu modernizar o seu país e virá-lo para a Europa

A palavra «madera» começou a ser frequentemente pronunciada no reinado de Pedro o Grande, (1672-1725) e ligada às chamadas «assembleias». Nessa altura, a organização da vida social e cultural das altas camadas da sociedade de São Petersburgo estava ainda a dar os primeiros passos porque a nova capital russa começou a ser construída em 1703 num local praticamente desabitado.

Para se demarcar de Moscovo, a velha capital que simbolizava, aos olhos de Pedro o Grande, tudo o que havia de conservador e retrógrado no seu país, o czar, durante a sua longa visita a países europeus como Holanda e Inglaterra, trouxe muitas modas além da obrigatoriedade de os nobres cortarem as barbas.

As «assembleias» foram mais uma inovação e estavam entre as principais formas de convívio das classes altas russas. O czar russo dava tanta importância a essas reuniões que encarregou um homem de sua inteira confiança, o português António Manuel de Vieira, então chefe da polícia de São Petersburgo, de as organizar. Segundo o decreto imperial de 26 de Novembro de 1718, Vieira é encarregado de preparar assembleias «não só para divertimento, mas para tratar de assuntos, pois aí podem-se ver uns aos outros e conversar sempre que necessário». Nessas reuniões podiam participar pessoas «com altos cargos até oficiais superiores e nobres», bem como «conhecidos mercadores», «primeiros mestres de artesãos», «caixeiros nobres» com

esposas e filhas. Nunca até aí na história da Rússia as mulheres puderam apresentar-se em público e participar em assembleias ao lado de pais e maridos.



Construção de São Petersburgo

A primeira assembleia realizou-se na casa de Piotr Buturlin, futuro quinto governador da Sibéria, e cada nobre ou rico mercador de São Petersburgo, de uma lista de 22 escolhidos, deveria organizar em sua casa pelo menos uma assembleia por ano. A reunião, que contava com a presença obrigatória do czar e da czarina, começava entre as 16 e 17 horas da tarde e devia terminar, o mais tardar, às 22 horas. O dono da casa devia

preparar várias divisões para as danças, jogos e jantares. As danças eram o divertimento mais frequente, durante as quais os convidados podiam escolher a dama que quisessem, incluindo a imperatriz.



António de Vieira

António de Vieira (1682-1745) — destacado estadista e chefe militar russo de origem portuguesa, homem da plêiade dos correligionários do czar Pedro I, o primeiro chefe do Departamento Geral de Polícia de São Petersburgo, conde e senador, general-em-chefe

Durante o seu reinado, Pedro I era o actor principal nessas assembleias. Quando algum dos participantes

perdia um jogo, o czar «multava-o», obrigando-o a beber uma enorme taça de vinho ou vodka. Foi graças a essas assembleias que o vinho da Madeira começou a tornar-se mais frequente nos salões nobres russos.

Todavia, a escassez do verdadeiro vinho da Madeira era tão grande que originava situações muito caricatas. Por exemplo, cada trabalhador que edificava a nova capital russa tinha diariamente direito a um copo de «Madera imperial», vodka barata que recebeu esse nome do povo simples para se ridicularizar o vinho da Madeira, muitas vezes também falsificado, que se bebia na casa da nobreza russa.⁽²⁾

Este facto, embora de sinal contrário, mostra que o vinho de uma longínqua ilha portuguesa chegava à Rússia através da «janela» que o czar russo abrira para a Europa e gozava de grande procura.

É também na época de Pedro I que na corte russa e nas casas da alta nobreza começam a ser construídas caves especialmente para conservar vinhos estrangeiros, incluindo o ainda raro e valioso Madeira. Havia, inclusive, disputas entre os nobres para ver qual deles tinha os vinhos de melhor qualidade e mais antigos.

RUSSOS DESCOBREM O MADEIRA



O verdadeiro néctar da Madeira custou a chegar ao mercado russo devido não só à distância que a separava do Império Russo, mas também à inexistência de relações diplomáticas entre as cortes de Lisboa e São Petersburgo. O estabelecimento de laços diplomáticos entre a Rússia e Portugal ocorreu apenas em 1779.

A primeira referência à possibilidade de os portugueses exportarem directamente vinho Madeira para a Rússia aparece num documento datado de 1756.

Numa lista de produtos portugueses em que os russos estariam interessados em receber do local de origem, entregue pelo príncipe Golitsin, embaixador russo em Londres, ao seu homólogo português Martinho de Melo e Castro, lê-se: «Vinhos de Portugal, brancos e tintos, e os da Madeira». ⁽³⁾



Martinho de Melo e Castro

Nessa altura, continuava-se a colocar o problema do alto preço e da falsificação dos vinhos portugueses que chegavam aos portos russos através de países terceiros. O mercador português Manuel Pinto Paiva Garcês vai a São Petersburgo em Setembro de 1755 precisamente para convencer as autoridades russas a incentivarem a importação directa de vinhos nacionais. Ele escreveu ao